

Q U A N D O O T E R R O R I S M O S E T O R N A L E I .

Anos atrás, quando eu me encontrava no Zaire, na Africa Central, conheci homens que eram desprezados por todos, mas ao mesmo tempo eram procurados e contratados a preço muito alto para "matar ou morrer". Estes homens, com quem eu mesmo tive que lidar durante quase tres anos, chamavam-se MERCENÁRIOS. A literatura, as revistas e o cinema sempre os têm apresentado como uma espécie particular da raça humana: mais perto das feras que dos homens. O autor que melhor acertou em descrever os mercenários (Frederic Forsyth) os denominou: "Cães de guerra".

Eu muito teria a dizer à respeito dos mercenários, mas não é isso que me interessa hoje. O que me interessa é alertar as Autoridades do Brasil e o Povo Brasileiro daquilo que está acontecendo numa área bastante afastada da região amazônica, no Estado do Pará. Trata-se da região ribeirinha do rio Curuá, afluente do rio Iriri, este afluente do rio Xingu. Para quem sabe ler as coordenadas geográficas, a área em questão se encontra aproximadamente entre os graus 5°40'00" Sul e 54°32'30" Oeste. E o local onde aconteceram os fatos que irei relatar logo mais, encontra-se na altura da confluencia do igarapé da Madalena com o rio Curuá.

A localidade chama-se CAJUEIRO.

Quero adiantar que as Autoridades de Altamira, de Belém e até de Brasília já desde o ano de 1984 foram alertadas quanto ao perigo de conflitos nesta área, rica em ouro e outros minérios. A cobiça dos garimpeiros e de firmas de mineração foi aumentando. Enquanto os garimpeiros começaram logo a extrair o minério, as firmas mineradoras se preocuparam em "cobrir" toda a área através de requerimentos para pesquisa e lavra junto ao DNPM. No começo do ano de 1985, quase toda a região compreendida entre a Rodovia Cuiabá-Santarém e o rio Iriri, no Estado do Pará, encontrava-se coberta pelas firmas mineradoras.

Reduzindo a região toda somente à área hoje em conflito, as firmas mineradoras interessadas seriam as seguintes: ESPENG-BRASINOR-CARB. CRICITUMA. Mas acontece (e isso deveria ser averiguado pelas Autoridades competentes) que as três firmas seriam uma só, com nomes diferentes. E seria a BRASINOR, cujo diretor-proprietário parece seja um Coronel da reserva, e o gerente é o senhor Oscar.

Pelas informações obtidas pessoalmente (apesar de certas dificuldades e demoras) foi possível conhecer as áreas e os tipos de alvarás concedidos pelo DNPM. Ainda não foi possível saber quais os termos e as condições que os alvarás põem à respeito dos direitos de eventuais moradores e posseiros, ou grupos indígenas presentes na região.

Mas o que se sabe muito bem é a intenção determinada dos funcionários da BRASINOR em querer "limpar" toda a área de qualquer presença de pessoas, sejam elas índios legítimos, moradores ou posseiros de antiga data.

E para alcançar esta finalidade, a BRASINOR se achou no direito de utilizar de todos os meios de que dispõe, começando pelo ouro até às ameaças, violências, uso de armas, suborno, prisões arbitrarias e sequestro de pessoas.

E sendo que nenhum cidadão honesto aceitaria de agir de tal maneira, eis que a BRASINOR foi contratar os bons serviços da firma SACOPÁ, com sede em Manaus (cujo diretor parece seja também um Coronel da reserva). A SACOPÁ enganinou para a área 18 homens armados e fardados.

Na madrugada do dia 2 de Fevereiro de 1985, este bando de terroristas disfarcados como militares e se proclamando da Polícia Federal, invadiram, de arma nas mãos e atirando que nem o local fosse campo de batalha, a propriedade de um cidadão brasileiro, que morava e trabalhava tranquilamente na sua colação já havia quase 40 anos.

Este cidadão, por sua ventura, não se encontrava em casa, e sim em Altamira com sua esposa; do contrário ele teria sido morto, como os próprios invasores declararam para a filha dele, que se encontrava no local com seus filhos (o menor de 5 meses) tomando conta da casa e da roça.

O cidadão dono do lugar, após os primeiros anos de luta para vencer a mata e até contra os índios Caiapós, chegou a casar-se com uma índia legítima da nação Chipaia-Curuáia.

CEDI - P. I. B.
DATA 08. 09. 88
COD. XKD 00040

Como ele, quase todos os moradores da beira do rio Curuá moram na região já faz muitos anos. Entre eles estão os poucos remanescentes dos Índios Chipaia-Curuaia.

A própria FUNAI, órgão Federal, a fim de proteger estes Índios de qualquer invasão por parte dos que costumam chamar-se "civilizados", chegou a colocar na frente das suas casas umas placas indicando que a área ficava proibida para outras pessoas e grupos.

No dia da invasão os terroristas à serviço da BRASINOR efetuaram prisões arbitrárias, algemaram pessoas, bateram em outros (entre os quais um Índio Chipaia-Curuaia legítimo), sequestraram uns e os levaram no avião da firma BRASINOR até Rurópolis, onde os entregaram ao Delegado de Polícia daquela vila.

Os depoimentos das vítimas e o relato dos acontecimentos foram entregues à várias Autoridades, pedindo que fossem tomadas as providências necessárias e justas, garantindo a volta dos que foram afastados de suas casas com a força e a violência, após as devidas indenizações dos prejuízos sofridos. Mas, até o dia de hoje nenhuma das Autoridades, seja Estaduais como Federais, tomaram providências neste sentido. Enquanto isso, as vítimas da invasão continuam perambulando pelas ruas de Altamira passando fome e vivendo de esmola.

Nos dias 8, 9 e 10 de Março, eu mesmo fui até o local do conflito e da invasão e encontrei-me com os terroristas, com o gerente da BRASINOR e outros dos funcionários da firma. Além das ameaças que me foram dirigidas, chegando à tentativa de prisão e ameaças de morte com armas nas mãos, posso testemunhar de como estes terroristas cometeram atos de desprezo e de desrespeito da Lei e das Autoridades constituídas, e atos contra o sentimento religioso do Povo Brasileiro.

Tudo isso consta nos depoimentos por mim entregues às Autoridades. No momento em que alguém quiser instaurar inquérito a fim de tomar providências, ficarei à disposição para fornecer explicações e documentação adequada. Porém, fica sempre a situação de desespero dos que foram vitimados e dos demais moradores do rio Curuá, ameaçados de serem também expulsos dos seus lugares, quando não mortos pelos terroristas.

E frente à omissão das Autoridades, estas pessoas estão se perguntando acerca da motivação para as Autoridades não intervir. Infelizmente a resposta que eles (e eu também) encontraram, tem somente duas alternativas: ou as Autoridades estão com medo dos terroristas que estão no Cajueiro e se apressam a "limpar" o restante da região, ou estas Autoridades foram "compradas" pelo ouro da BRASINOR.

Junto com os moradores eu peço às Autoridades que nos comuniquem urgentemente se há outra alternativa, de maneira que possamos mudar de opinião. Concluindo, quero voltar para o assunto inicial com as seguintes perguntas, esperando uma resposta por parte de quem possa responder:

Afinal, quem são os homens armados que "dominam" a área do rio Curuá? São eles Policiais (Federais ou Militares)? São eles Soldados do Exército Brasileiro?

Enquanto a resposta não chegar, eu fico pensando nos mercenários com quem vivi na África, ou nos grupos de terroristas que estão agindo em tantos lugares no mundo afora, ou no "Esquadrão da Morte" que anos atrás estava semeando o terror em algumas cidades do nosso Brasil.

Porém, há uma outra faceta que diferencia os homens armados que encontrei há poucos dias no Cajueiro, bancando os valentões e os "donos" de tudo: são todos eles uns covardes. Isso posso afirmar, pois isso eu disse pessoalmente para eles mesmos. Tão covardes que não tiveram nem a coragem de atirar em quem estava desarmado e sozinho frente a um bando armado que nem estivessemos em guerra.

P. Angel

Altamira, 19 de Março de 1985
Pe. Angelo Pansa

encarregado da pastoral dos rios na
Prelazia do XINGU.